

ARQUIBANCADAS EM ESTÁDIOS DE FUTEBOL COMO TERRITÓRIOS DO TORCER: O CASO DAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA

Football stadium stands as fan territories: the case of the organized fans of Sport Club Corinthians Paulista

Natália Morena Lage Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Territoriais pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Professora do Instituto Federal da Bahia - Campus Seabra (IFBA/SEA)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3125-4374>

nataliamorena.prof@gmail.com

Agripino Souza Coelho Neto

Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3714-510X>

agscneto@uneb.br

Artigo recebido em junho/2024 e aceito em agosto/2024

RESUMO

Este estudo apresenta resultados parciais de uma investigação desenvolvida no Mestrado em Estudos Territoriais da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cujo propósito é explorar a conformação das territorialidades hierárquicas das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista, enfatizando a relação entre território e poder nas arquibancadas dos estádios. A pesquisa foca nas estratégias de ocupação espacial, as dinâmicas de poder entre torcidas hegemônicas e não-hegemônicas, e como essas relações moldam o ordenamento espacial e a experiência sociocultural nos estádios. Com base em teorias geográficas sobre território e poder, e utilizando métodos qualitativos de entrevistas e análise de discursos, o estudo destaca como as torcidas organizadas utilizam o espaço das arquibancadas para afirmar identidades, manifestar poder e negociar hierarquias. O contexto de modernização dos estádios, sob a influência de modelos globais de arenas, impõe novas dinâmicas espaciais que reconfiguram as territorialidades tradicionais, desafiando as torcidas a adaptar suas práticas culturais e modos de torcer.

Palavras-chave: territorialidades; torcidas organizadas; poder; organização espacial

ABSTRACT

This study presents partial results of an investigation carried out in the Master's Degree in Territorial Studies at the State University of Bahia (UNEB), whose purpose is to explore the conformation of the hierarchical territorialities of the organized supporters of Sport Club Corinthians Paulista, emphasizing the relationship between territory and power in stadium bleachers. The research focuses on spatial occupation strategies, the dynamics of power among hegemonic and non-hegemonic supporter groups, and how these relations shape spatial organization and sociocultural experience in stadiums. Based on geographical theories of territory and power, and using qualitative methods of interviews and discourse analysis, the study highlights how organized supporter groups use bleacher spaces to assert identities, manifest power, and negotiate hierarchies. The context of stadium

modernization, influenced by global arena models, imposes new spatial dynamics that reconfigure traditional territorialities, challenging supporter groups to adapt their cultural practices and modes of support.

Keywords: Territorialities; organized supporter groups; power; spatial organization

1. INTRODUÇÃO

No universo do futebol brasileiro, as arquibancadas são espaços de torcida, onde se manifestam complexas territorialidades e hierarquias sociais, culturais e políticas. Este artigo examina como as territorialidades hierárquicas das torcidas organizadas do Sport Club Corinthians Paulista são configuradas e manifestadas nas arquibancadas, refletindo uma intrincada rede de poder e influência.

Nas arquibancadas dos estádios de futebol, onde o torcer se manifesta em profundas interações sociais, culturais e políticas, os conceitos de "território" e "territorialidade" se tornam essenciais. De acordo com Raffestin (1993 [1980]) “falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite”, o que invariavelmente pode ou não ser traçado pela “[...] relação que um grupo mantém com uma porção do espaço” confluindo na delimitação para “[...] isolar ou subtrair momentaneamente ou, ainda, manifestar um poder numa área precisa” (p. 153). Dessa maneira, o espaço converte-se em um recurso valioso e frequentemente escasso, e sua distribuição entre as torcidas é um reflexo direto das relações de poder existentes.

A configuração espacial das arquibancadas é social à medida que o futebol promove a criação de espaços de socialização e coletividade, onde os torcedores se manifestam e se organizam, mas também política, na medida em que esses espaços se tornam campos de disputas e os torcedores estabelecem territorialidades. No contexto do Sport Club Corinthians Paulista, a organização dos espaços reflete uma intrincada rede hierárquica, em que cada torcida organizada negocia, estabelece e defende seu território dentro das limitações físicas do estádio. Assim, este trabalho se propõe a explorar como as torcidas organizadas, tanto hegemônicas quanto não-hegemônicas, utilizam das arquibancadas para afirmar sua presença e poder.

Utilizando uma abordagem interdisciplinar que cruza a geografia política com as ciências sociais, este artigo discute a conformação de territorialidades nas arquibancadas por meio da análise de entrevistas com dirigentes de torcidas, observações nos estádios durante os jogos, e revisão de literatura acadêmica sobre o tema. Especial atenção é dada ao modo como as torcidas organizadas adaptam suas estratégias em resposta à modernização dos estádios e às políticas de segurança que reconfiguram os padrões de ocupação e uso das arquibancadas.

O artigo se debruça sobre a compreensão das dinâmicas espaciais e sociais que definem as experiências de torcer em estádios de futebol, oferecendo importantes contribuições sobre as

implicações dessas dinâmicas para a cultura do futebol brasileiro e para a teoria geográfica sobre espaço e poder. Este estudo destaca a necessidade de considerar as dimensões políticas e culturais das territorialidades em espaços de lazer e esporte, refletindo sobre como estes espaços são simultaneamente locais de inclusão social e arenas de disputa simbólica e material.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para avançar e alcançar os objetivos delineados neste estudo, optamos pelo método de estudo de caso como estrutura metodológica principal. Conforme sugerido por Yin (2010), a estratégia de estudo de caso é particularmente adequada quando as perguntas de pesquisa envolvem "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos, e quando o foco está em um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real de vida.

Neste trabalho, a escolha do estudo de caso como metodologia se mostra ideal para explorar as nuances das territorialidades hierárquicas das torcidas organizadas dentro dos estádios de futebol. Esse método permite uma investigação profunda de casos específicos, proporcionando um entendimento rico e detalhado através da análise de diversas fontes de evidência, como entrevistas, documentos, observações e registros históricos.

Além disso, o uso de ferramentas e conceitos geográficos é fundamental para aprofundar nossa compreensão dos fenômenos sociais em estudo. A Geografia, como ciência humana, oferece uma lente crítica por meio da qual podemos analisar as implicações espaciais dos fenômenos sociais, permitindo uma compreensão abrangente das dinâmicas de poder, da organização espacial das sociedades e, em nosso caso da representação nas arquibancadas dos estádios.

A coleta de dados foi realizada em múltiplas fontes para garantir uma compreensão abrangente e multifacetada do fenômeno em estudo, dividido em 3 etapas.

A Etapa 1 correspondeu à análise documental que incluiu a revisão de documentos públicos e registros das torcidas organizadas, bem como reportagens e análises de mídia que discutem incidentes e eventos significativos relacionados às torcidas.

Na Etapa 2 foram conduzidas entrevistas¹ com dirigentes de 12 torcidas organizadas, as quais foram divididas em dois grupos: torcidas hegemônicas (àquelas fundadas no estado de São Paulo, de onde o Corinthians se origina) e torcidas não-hegemônicas (àquelas oriundas de outras regiões brasileiras, mas com âmago totalmente corinthiano), nomeadas e distribuídas conforme Tabela 1.

¹ Todas as entrevistas foram conduzidas sob consentimento informado, garantindo anonimato e confidencialidade aos participantes. As práticas de coleta e análise de dados seguiram as diretrizes éticas para pesquisa com seres humanos, conforme recomendado pela instituição de afiliação dos autores e padrões internacionais de pesquisa.

Estas entrevistas buscaram explorar as percepções e experiências relacionadas à configuração territorial nas arquibancadas.

Tabela 1: Classificação das torcidas organizadas corinthianas selecionadas para estudo.

Torcidas hegemônicas	Torcidas não-hegemônicas
Gaviões da Fiel	Fiel CE
Camisa 12	Fiel Salvador
Pavilhão 9	Fiel Piauí
Estopim da Fiel	Fiel João Pessoa
Coringão Chopp	Fiel Manaus
Fiel Macabra	Fiel BH

Organização: Autores (2024).

A Etapa 3 equivaleu à observação participante, sendo realizada durante jogos em diferentes estádios: Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) e Neo Química Arena, na cidade de São Paulo; Estádio Municipal Olivério Bazzani Filho (Fonte Luminosa) em Araraquara (SP); Estádio Ademar da Costa Carvalho (Ilha do Retiro) e Arena Pernambuco em Recife (PE); Arena Fonte Nova e Estádio Manoel Barradas (Barradão) em Salvador (BA). Essa técnica permitiu examinar diretamente as interações e o comportamento das torcidas em seu ambiente natural, focando nas manifestações de territorialidade.

Em seguida, os dados coletados foram submetidos a uma análise qualitativa para identificar padrões, temas e relações significativas, a partir da análise de conteúdo (Bardin, 2018). A análise temática foi utilizada para estruturar as narrativas em torno das territorialidades, utilizando o software NVivo para auxiliar na organização e categorização dos dados.

Através desta estrutura de pesquisa, buscamos compreender como os contextos socioculturais, econômicos e históricos específicos influenciam a percepção e as decisões das torcidas ou movimentos torcedores. Essa abordagem nos permitiu identificar semelhanças e diferenças nas estratégias de ocupação espacial e nas relações de poder entre as torcidas organizadas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo González (2020, p. 620), em verbete publicado no dicionário “Palabras clave para el estudio de las fronteras”, duas hipóteses podem ser levantadas em relação à origem etimológica do vocábulo território: a primeira se deriva da terra e a segunda de *terrere*, ambas seguidas pelo sufixo *torium*, que denotam um local onde se desenvolve uma ação específica:

A primeira explicação está associada à terra, cuja raiz *ters* – está ligada à ação de secar, então originalmente território se referiria ao lugar onde, mediante a preparação do solo, se cultiva. [...] A segunda etimologia, em vez disso, está associada a terror (*terrere*), palavra derivada da raiz também indo-europeia *tres* - (*tremer*), a partir do qual se conclui que o território pode se referir ao espaço onde as estratégias de domínio são implementadas, assim como o medo (tradução nossa).

Haesbaert (2004), acionando o Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine (1932) e o Oxford Latin Dictionary (1968) reconhece, de modo semelhante, esses dois troncos etimológicos: (i) terra-territorium e (ii) terreo-territor. Para o autor, muito do que se propagou sobre o território advém desses dois sentidos etimológicos: (i) o primeiro que diz respeito a terra, apontando o território como materialidade, pois, evoca uma base material em sua significação; e (ii) o segundo, referindo-se “aos sentimentos que o ‘território’ inspira (por exemplo, de medo para quem dele é excluído, de satisfação para aqueles que dele usufruem ou com o qual se identificam)” (p. 44).

A literatura geográfica consagrou alguns elementos fundamentais para a concepção do território e da territorialidade, destacando, fundamentalmente, as noções de limites e de fronteiras que demarcam o território, assim como as ideias de multiescalaridade, de multidimensionalidade e das relações espaço-poder.

Edward Soja considerava que a territorialidade equivaleria a um comportamento espacial, envolvendo ações humanas que implicam na organização do espaço, pressupondo a existência de fronteiras bem delimitadas e definidoras dos membros da coletividade territorial e a existência de uma exclusividade de uso e ocupação do território:

[...] um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influência ou em territórios nitidamente delimitados, que assumem características distintas e podem ser considerados, pelos menos em parte, como exclusivos de quem os ocupa e de quem os define (Soja, 1971 apud Rocayolo, 1988, p. 263).

Coelho Neto (2013, 2016, 2021, 2024) considera o território como a fração do espaço controlado concretamente e/ou apropriado simbolicamente por um indivíduo ou grupo social para viabilizar sua reprodução social, destacando sua multidimensionalidade. A construção de territórios, em grande medida, pressupõe a construção de territorialidades, isto é, os nexos que os grupos sociais estabelecem entre si e com seus espaços de vivência. Nesse sentido, a territorialidade como uma

condição inerente à vida social, permite depreender múltiplas manifestações possíveis, construídas nas ações de indivíduos, Estados, empresas, instituições e uma variada gama de grupos sociais, nas mais diversificadas escalas e contextos. Assumindo a premissa da relação fundamental entre sociedade e espaço, consideramos que a formação de territórios como um componente essencial para a realização da vida social e a territorialização como um processo de marcação do espaço pela sociedade (Coelho Neto, 2024, p. 24).

Os sujeitos individuais e coletivos organizados territorialmente apropriam-se e conferem significados particulares ao espaço. Isto envolve um conjunto de aspirações, valores, interesses e um modo de compreensão de mundo e de sua espacialidade. Envolve também um conjunto de práticas, de relações com seu espaço de vivência e um processo de identificação com seu território. Desse modo, a territorialidade são os nexos que os coletivos organizados constroem entre si e com o espaço, permitindo-lhes uma apropriação e uma significação que lhes possibilita construir novas formas de reprodução social.

Nessa perspectiva, considera-se que os mais variados agentes sociais – como é o caso das torcidas organizadas – estabelecem relações entre si e com o espaço, conformando relações sociais de poder que demarcam o espaço e conformam territórios – e isso se aplica também aos espaços delimitados nos estádios de futebol. Os territórios são, portanto, inscrições espaciais da sociedade conformadas no âmbito das relações sociais de poder. Este, concebido como uma relação social assimétrica e conflituosa (que pode conformar hierarquias), tece a substância do território e demarca o espaço, objeto de apropriação e/ou domínio dos indivíduos, grupos sociais, organizações e instituições de diferentes modalidades.

No alvorecer da década de 1980, Raffestin (1993 [1980]) propõe considerar o território como “[...] o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível” (p. 143). O foco foi dirigido às relações de poder que marcam o território e amplia a compreensão dos agentes que produzem os territórios, pois, “[...] do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que ‘produzem’ o território” (p. 152).

A ênfase nas relações de poder comparece em diversos geógrafos. Para Raffestin (1993 [1980], p. 58), o território “[...] é a cena do poder e o lugar de todas as relações”. Sack (1986, p. 5), por sua vez, afirma que a “territorialidade é uma expressão geográfica primária do poder social”. Souza (1995, p. 96) considera o território “como espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. E Di Méo (2001, p. 274) assevera que “[...] o poder tece a substância do território. Ele contribui para construir e dar-lhe forma”.

Admitindo-se que a territorialidade se institui na trama das relações sociais inscritas espacialmente e que o poder lhe é um componente intrínseco, pode-se defender que o território é marcado por relações de poder, exercidas por agentes com interesses que podem convergir ou divergir, numa arena de lutas e conflitos. Desse modo, considera-se, junto com Foucault (2009), que as relações de poder “[...] são efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são condições internas destas diferenciações” (p. 104). As relações de poder são pensadas como relacionais, sendo exercidas na multiplicidade de correlações de força e como um jogo de lutas e afrontamentos, já que, “[...] elas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão” (p. 106).

As torcidas organizadas são manifestações sociais e culturais com especificidades históricas e geográficas. Os estádios são espaços onde ocorre o processo de territorialização, ou seja, os territórios e as territorialidades se manifestam nas práticas socioespaciais das torcidas organizadas. Como

expressões da relação espaço-poder os territórios do torcer definem limites, refletem assimetrias e hierarquias e constroem territorialidades.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A configuração das arquibancadas em eventos futebolísticos transcende a ocupação física, englobando elementos sociais e políticos significativos. Neste contexto, o futebol serve como um palco para a socialização e a expressão coletiva, oferecendo aos torcedores a oportunidade de manifestar sua identidade por meio de símbolos e comportamentos sincronizados. Simultaneamente, este ambiente fomenta disputas territoriais onde cada torcida organizada luta para afirmar sua presença e estabelecer sua supremacia hierárquica através de atos simbólico-identitários e ações coletivas de apoio ao time. Este fenômeno de territorialização nas arquibancadas é uma dinâmica global que se intensifica em contextos futebolísticos em diversas partes do mundo.

Os confrontos entre torcidas, que frequentemente iniciam antes mesmo do começo dos jogos, estendem-se para além das interações com torcidas de clubes adversários, permeando as relações internas entre grupos torcedores do mesmo clube. Dentro deste cenário espacial do futebol, as tensões são palpáveis e as antigas rivalidades regionais se exacerbam, refletindo as intensas dinâmicas, ora de aliança, ora de antagonismo, que existem mesmo entre aqueles que compartilham afiliações clubísticas similares.

Em organizadas corinthianas, as torcidas hegemônicas tendem a ocupar posições centrais e visualmente estratégicas, baseadas tanto no número de membros quanto na tradição. Já as torcidas não-hegemônicas, de menor porte ou mais recentes, lutam por reconhecimento e espaço, em um processo que é tanto competitivo quanto colaborativo.

A estrutura hierárquica é definida com base em critérios como o ano de fundação, quantidade de membros e grau de influência. Esta hierarquia determina a ordem espacial pela qual as torcidas têm direito a demonstrar sua presença nas arquibancadas, conformando territórios do torcer. A Gaviões da Fiel, sendo a mais antiga e influente, tem prioridade para posicionar e destacar seus símbolos visíveis, seguida pela Camisa 12, Pavilhão 9, Estopim da Fiel, Coringão Chopp e Fiel Macabra. A sétima posição é reservada para a torcida local. As demais torcidas organizadas ocupam o espaço restante disponível, desdobrando suas faixas e outros elementos representativos sempre que o espaço permitir.

Esse posicionamento estratégico não se apresenta a mera conveniência, mas como uma manifestação de poder e influência que essas torcidas exercem dentro e fora do estádio. Uma localização privilegiada permite a coordenação mais eficaz dos cânticos e rituais que são cruciais para a identidade do grupo e sua visibilidade durante as transmissões televisivas. Além disso, ao ocupar

esses espaços, as torcidas organizadas demarcam visualmente sua presença e afirmam sua dominação sobre segmentos significativos das arquibancadas.

Dentro deste contexto, a organização espacial nas arquibancadas se torna um mapa complexo de influências e poderes, onde a disposição geográfica das torcidas revela muito sobre suas relações hierárquicas e o impacto da modernização dos estádios. Nas palavras de um dirigente de torcida hegemônica:

Em todo lugar a gente tá acompanhando o Corinthians, então a gente tem o direito ali. É que nem o tamanho da faixa, tem o estádio ali, mas se coube só a faixa dos Gaviões; a Pavilhão e a 12 vão segurar na mão. Coube a faixa dos Gaviões, sobrou dez metros: cinco metros da 12, cinco metros da Pavilhão. E vai ser assim a vida toda. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica).

Essa configuração reflete a hegemonia dos Gaviões da Fiel e a compressão espacial enfrentada por outras torcidas, evidenciando a dificuldade de torcidas menores em se estabelecerem nas arquibancadas, afinal, para o dirigente de uma torcida não-hegemônica, o “espaço na arquibancada é território conquistado. Mas a territorialidade se define quando as torcidas chegam no espaço público. Isso pode ser pré-estabelecido e tem variantes que acontecem”

Sendo assim, um dirigente de torcida hegemônica aponta para a suposta inviabilidade de novas torcidas emergirem:

Qualquer torcida hoje, que queira ser criada, vai encontrar N barreiras. Pra começar uma nova torcida, tem a barreira, até como uma forma de controle nosso [torcidas hegemônicas], inclusive territorial. [...] A gente já tem uma arquibancada hoje [...] extremamente cheia de torcida, carregada de torcida. Acho que a torcida do Corinthians já é tão singular por conta disso, já que nenhum time tem duas torcidas do tamanho, da força, dos Gaviões da Fiel e da Camisa 12. Ainda temos a força do Pavilhão 9 que tem sua representatividade, tem sua importância, a Estopim da Fiel, que tem uma grande estrutura. Nenhum outro clube terá um número tão grande de torcidas com a estrutura que têm as torcidas organizadas do Corinthians. É muito complexo e não tem mais como pensar na criação de uma nova torcida hoje, esse pensamento quase que se torna inviável, impossível, você não vai conseguir ter uma linha de pensamento ideológica que já não existe em nenhuma dessas torcidas, você vai fazer mais do mesmo, só vai tumultuar o ambiente. Aí existe a necessidade mesmo do nosso acompanhamento, das torcidas mais velhas e realmente controlar a criação ou não de qualquer outra torcida. (Entrevista realizada em 20 de novembro de 2023 com dirigente de torcida hegemônica)

A territorialidade redefinida e os desafios impostos pela reestruturação dos estádios de futebol no Brasil, guiada por um modelo de arenas que segue padrões internacionais de segurança, conforto e rentabilidade, refletem um cenário onde as dinâmicas de poder são constantemente negociadas, revelando, de acordo com Mascarenhas (2014) “uma faceta do assalto neoliberal sobre a cidade, incidindo diretamente sobre a cultura do futebol” (p. 26). Este processo, conhecido como arenização, impõe uma nova ordem espacial que reconfigura as territorialidades antes já estabelecidas nas arquibancadas. Mascarenhas salienta que:

Diante do conceito de cidade-cenário, não nos parece estranho propor a noção de “estádio-cenário”, considerando o quanto sua atual configuração e regulação se prestam muito mais a

encenações comportadas e adequadas à transmissão televisiva, do que a um espaço de livre manifestação coletiva. Milton Santos (1987) já havia colocado de forma contundente o quanto a sociedade capitalista restringe o acesso aos direitos de cidadania àqueles aptos a pagar: ao “cidadão-consumidor”. Todavia, parece que estamos diante de uma nova situação, que radicaliza a associação do consumo com direitos de acesso a polis: trata-se do empobrecimento da vida pública pela via da segregação espacial (a insularização) conjugada à supracitada encenação, fruto do aparato normativo emergente. [...] A aclamada modernização dos estádios de futebol se insere precisamente nesse processo, posto que ela visa remover de seus recintos todos aqueles comportamentos considerados inadequados à nova ordem de consumo passivo do espetáculo futebolístico. O atual “modelo FIFA” concebe o moderno estádio como equipamento destinado a um público específico, “figurante”, seletivo, solvável, disposto a pagar caro por tecnologia, conforto e segurança. Um público “familiar”, “ordeiro” que vai ao estádio consumir o espetáculo e não buscar tradicionais formas de protagonismo que não interessam ao novo modelo hegemônico. Ainda no plano da retórica modernizadora, pretende-se um estádio “civilizado”, em contraposição ao caos e à “barbárie”, supostamente reinantes no modelo anterior, considerado vulnerável a movimentos de massa incontrolláveis e sujeito à atuação de grupos sociais “perigosos”. É notável o quanto este discurso sobre os estádios reproduz fielmente o pensamento neoliberal (Mascarenhas, 2013, p. 158-160).

Historicamente, estádios de futebol como o Maracanã, Mineirão, Morumbi e Pacaembu ofereciam maior liberdade às torcidas, que podiam exibir suas faixas e manifestar seu apoio em espaços maiores. Como exemplificado na Figura 1, as organizadas corinthianas ocupavam os setores amarelo e verde no estádio Pacaembu.



Figura 1 – Mapa do estádio Pacaembu (SP).
Fonte: Site do Pacaembu.

Na Figura 2, em fotografia retirada em jogo no Pacaembu, o extenso bandeirão expressa a hegemonia e predomínio dos Gaviões da Fiel na ocupação dos espaços de arquibancada destinados às torcidas organizadas.



Figura 2 – Torcidas hegemônicas no estádio Pacaembu.
Fonte: Gabriel Uchida.

No entanto, essa liberdade tem sido progressivamente restringida com a introdução de estádios estilo arena, alterando significativamente a dinâmica tradicional das arquibancadas ao impôr limitações espaciais, o que refletiu em grandes mudanças na experiência torcedora, especialmente no que diz respeito à territorialidade das torcidas organizadas, conforme nos relata um dirigente de torcida hegemônica:

Antigamente, aquela época lá, a gente mandava muito jogo no Morumbi, Pacaembu, não tinha essa orientação da polícia de que a torcida organizada deveria ficar em setor tal. Então era liberado o estádio inteiro. [...] Hoje em dia, na [Neo Química] Arena, Gaviões, Camisa 12 e Pavilhão, muitas vezes a Estopim põem a faixa no parapeito ali. As outras põem para cima, porque não tem espaço para todo mundo. E você vê o tamanho da Arena, a gente tem que ficar tudo espremido ali na Norte, cada um em seu espaço ali. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

A exigência de cadastramento e a identificação de cada torcedor, uma prática que se intensificou após incidentes de violência, exemplifica a crescente regulamentação das atividades das torcidas organizadas. Essas medidas, embora visem garantir a segurança, frequentemente limitam a expressão cultural que é intrínseca ao futebol brasileiro.

A mudança e contenção das organizadas em um determinado espaço começou a se desenhar quando houve aquela briga da proibição. Quando voltou, exigiram um monte de burocracias para adentrar os estádios: deveríamos ter o cadastro na Federação Paulista e cada torcedor identificado. Instituíram ‘a torcida organizada só pode ficar naquele setor tal’. Então houve bastante diminuição de espaço para as torcidas. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

A introdução de assentos numerados e áreas VIP nos novos estádios resultou em uma maior segmentação e diminuição da acessibilidade, impactando diretamente o espaço disponível para as torcidas organizadas. Essas mudanças forçaram os grupos a se adaptarem a setores mais confinados,

desafiando-os a manter sua presença e influência sob novas condições. Este é o caso da Neo Química Arena, estádio do Corinthians, onde as torcidas organizadas estão confinadas especificamente ao setor Norte, limitando tanto sua visibilidade, quanto a capacidade de realizar as tradicionais festas com bandeiras, bexigas e dispositivos pirotécnicos.

O futebol moderno quer regular, mas ao mesmo tempo está cerceando o nosso direito de fazer festa. Infelizmente. Às vezes, o cara acha que é europeu. Estar assistindo futebol sentado, comendo amendoim? Não, não tem como. É como fala “não quero cadeira numerada, eu vou de arquibancada para sentir mais emoção”. (Entrevista realizada em 20 de maio de 2024, com dirigente de torcida não-hegemônica)

As novas medidas de segurança implementadas com a modernização dos estádios impuseram novos controles sobre o comportamento das torcidas, restringindo itens como sinalizadores e limitando a festividade tradicional das arquibancadas. Essas políticas são vistas pelos torcedores organizados como uma forma de cerceamento de suas liberdades tradicionais, transformando a experiência de torcer em um ato mais passivo e menos participativo, numa tentativa de 'europeizar' a experiência do futebol brasileiro, distanciando-a das suas raízes culturais, alterando a dinâmica socioespacial e modificando o perfil do público que frequenta os jogos, agora mais inclinado a um comportamento de espectador.

Para nós aqui, a nossa cultura sempre foi festa, bandeiras, bexiga, fogos. Sempre foi a cultura da arquibancada fazer festa. Hoje em dia a polícia como braço armado do Estado proíbe muito da gente fazer essas coisas: tem que pedir autorização para eles para poder entrar com a bexiga, para poder encher uma bexiga preta e branca, para fazer qualquer tipo de festa. Eles negam bastante coisa. Antigamente se acendia sinalizador, hoje em dia se acende o sinalizador para o jogo, a torcida é punida, o clube é punido. Aí quando acontece na Europa, aqueles negócios, todo mundo acha lindo, parece tudo legalzinho. Quando tem a campanha do Premiere, aí usa a torcida “Que show de bola, que daora”. Aí quando a gente faz, a gente é vagabundo, a gente para o futebol, trama contra o clube, sendo que tudo que a gente quer, é fazer uma festa bonita para o Corinthians, para incentivar o clube. Então essa modernização, por conta da Copa do Mundo que teve, transformou tudo, se comparar o estádio do Maracanã como era antes e como está hoje, perdeu uma alma, vamos dizer assim, virou um negócio. O mesmo aconteceu com o Mineirão. E a gente que estava acostumado com o Pacaembu, tivemos que ir para a [Neo Química] Arena. [...] É um outro público que frequenta, é um outro tipo de pessoa, tiraram essa coisa da festa, do povão mesmo, a que a gente estava acostumado antigamente. Quem já foi em jogo no Pacaembu sabe, é outra história, outra pegada. Porque você vê onde fica a torcida organizada, aqui na Arena do Corinthians, onde a gente fica, as organizadas, é no concreto, não tem cadeira. (Entrevista realizada em 22 de novembro de 2023, com dirigente de torcida hegemônica)

As novas “arenas multifuncionais”, influenciadas pelo modelo de negócios global e pelas exigências de segurança e conforto, tem redefinido as territorialidades nas arquibancadas. Essas mudanças refletem uma tensão entre a preservação das tradições culturais do torcer brasileiro e a adaptação a um padrão de consumo esportivo que valoriza a ordem e a rentabilidade em detrimento da expressão espontânea e comunitária.

Sem dúvida, a moderna arena multiplica sua capacidade comercial ao flexibilizar as funções do equipamento. Todavia, para o torcedor engajado, o que se percebe é o movimento oposto, de restrição acentuada de seu comportamento, reduzido à condição passiva de assistir sentado.

Portanto, ao contrário do que é entusiasticamente divulgado pelos agentes hegemônicos, interdições diversas padronizam as formas de torcer e acenam para o torcedor a clara redução da natureza efetivamente “multifuncional” do estádio tradicional, que era o verdadeiro portador da diversidade de usos: não apenas assistir espetáculos, mas ser protagonista, e inventar formas de expressão coletiva, de cantar, dançar, comer e beber (Mascarenhas, 2013, p. 157).

Tratando especificamente da Neo Química Arena, que se autodenomina “casa da fiel”, foi inaugurada em 2014 com a realização de um jogo marcante: Corinthians x Corinthians, contando com a participação de mais de 100 ex-jogadores. Nesta partida, as principais torcidas organizadas se fizeram presentes – ao menos as cadastradas na Federação Paulista de Futebol (FPF), conforme orientação do próprio estádio (Figura 3).



Figura 3 – Registro da partida Corinthians x Corinthians em 10 de maio de 2014.
Fonte: Rodrigo Coca / Agência Corinthians.

Entretanto, a Figura 3 não retrata de maneira fiel – com o perdão do trocadilho – a distribuição das torcidas organizadas nas arquibancadas da Neo Química Arena, que na imagem ocupam o setor Leste. Assim, em termos de ordenamento e localização, o mapeamento desse estádio nos fornece algumas contribuições (Figura 4).

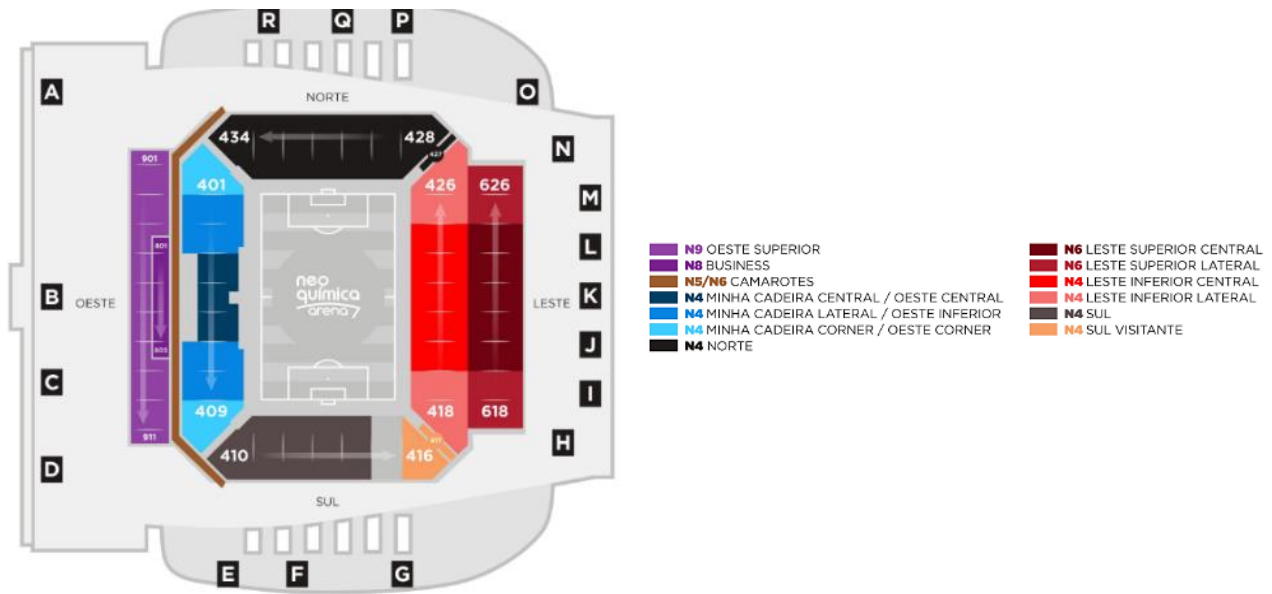


Figura 4 – Mapa da Neo Química Arena.
Fonte: Site da Neo Química Arena.

Conforme informação disponível em consulta ao site da Neo Química Arena, o setor Norte é “destinado a torcedores de organizadas cadastradas na FPF”. Mas ora, de que maneira as torcidas organizadas de fora do estado de São Paulo podem se fazer representar na “casa da fiel”? Assumo não ter a intenção de responder a essa reflexão, já que a questão é retórica. Diante da hierarquia de torcidas, dos comandos jurídicos estatais e até mesmo da estrutura organizacional adotada pelos estabelecimentos empresariais (estádios), os territórios são delimitados seguindo a lógica do poder hegemônico.

O território de cada torcida é diretamente influenciado pelo poder e pelo histórico de cada grupo dentro do contexto corinthiano. Assim, ao observar o setor Norte, uma representação visual dessa hierarquia se manifesta claramente.

Na Figura 5 é possível ver a disposição das torcidas hegemônicas na arquibancada do setor Norte, onde a Fiel Macabra e a Coringão Chopp ocupam a extremidade voltada a Leste, seguida pelos Gaviões da Fiel, que se posicionam centralmente, evidenciando seu status e influência. Adjacente aos Gaviões, encontram-se a Camisa 12 e o Pavilhão 9, enquanto a Estopim da Fiel ocupa espaços subsequentes, delineando uma sequência que traduz a ordem de precedência e a visibilidade que cada torcida detém.



Figura 5 – Distribuição das torcidas hegemônicas no setor Norte da Neo Química Arena.
Fonte: Acervo Gaviões da Fiel.

Na Figura 6, notamos um posicionamento diferente da Coringão Chopp, que tenta se estabelecer próxima à Camisa 12 e aos Gaviões da Fiel, segurando sua faixa na mão, para assegurar sua visibilidade e melhor representação na arquibancada. Esse ordenamento espacial ilustra a grande rede de negociações e o equilíbrio de poder que define os territórios dentro do estádio. A localização de cada torcida facilita a coordenação e a execução de cânticos e rituais e assegura que suas marcas e símbolos estejam visíveis para as câmeras e para o público geral, reforçando suas identidades dentro e fora das arquibancadas.



Figura 6 – Distribuição das torcidas hegemônicas no setor Norte da Neo Química Arena.
Fonte: Acervo Gaviões da Fiel.

A transição dos territórios tradicionais das torcidas organizadas do Pacaembu para a moderna Neo Química Arena ilustra uma preservação das territorialidades que se estende além dos limites físicos de um único estádio. As posições ocupadas pelas torcidas no Pacaembu, um estádio de características mais antigas e abertas, foram, em grande medida, transpostas para a Neo Química Arena com um notável grau de continuidade. Essa perpetuação das localizações não é um fenômeno isolado, observando-se um padrão similar em outros estádios pelo estado de São Paulo e mesmo em outras regiões do país.

Esse fenômeno pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo a necessidade das torcidas de manter uma continuidade na expressão de sua identidade e influência. No Pacaembu, as torcidas estabeleceram territórios específicos que facilitavam a coordenação visual e acústica de suas atividades, como cânticos e exibição de bandeiras, elementos cruciais para a manutenção da moral do time e a demonstração de apoio incondicional. A migração para a Neo Química Arena manteve essa lógica espacial, ainda que adaptada às novas configurações e restrições arquitetônicas do espaço.

Em outros estádios estaduais e nacionais, as torcidas hegemônicas mantêm uma disposição semelhante nas arquibancadas, sempre buscando posições estratégicas que maximizem sua visibilidade e impacto. A regularidade dessa distribuição espacial sugere uma negociação constante e estabelecida entre as torcidas para consigo mesmas e com as administrações dos estádios, que reconhecem a importância desses grupos na cultura do futebol. Essa conservação de territórios nas arquibancadas reflete uma hierarquia bem estabelecida e acordada entre as próprias torcidas e com o clube, garantindo que novas configurações de estádios ou alterações nas políticas de gestão dos espaços não perturbem significativamente as tradições de torcer.

Conforme relatado por dirigente de torcida não-hegemônica, “a hierarquia permanece em qualquer estádio do Brasil, não é apenas na Arena Corinthians”. A Figura 7 representa a distribuição espacial das torcidas hegemônicas na arquibancada do Estádio Municipal Olivério Bazzani Filho, a Fonte Luminosa, em Araraquara, em partida válida pelo Campeonato Paulista de Futebol, sob mando da Associação Ferroviária de Esportes.



Figura 7 – Distribuição das torcidas hegemônicas na Fonte Luminosa.
Fonte: Lentes do Interior / Acervo Gaviões da Fiel.

A Figura 7 exemplifica o arranjo espacial da arquibancada corinthiana como torcida visitante, em estádios no estado de São Paulo. Este retrato exhibe a magnificência visual e a intensidade emocional trazidas por esses torcedores, iluminando o comportamento estratégico e a organização hierárquica adotados pelas torcidas organizadas fora de seu território habitual. Neste contexto, a disposição das faixas e a densa concentração de bandeiras de mastro empunhadas por torcedores nas arquibancadas revelam um meticuloso planejamento prévio, já que, como assegura o dirigente de torcida hegemônica, “o tamanho das faixas é combinado entre os departamentos de bandeira”.

Entretanto, imagens capturadas na Arena Fonte Nova, em Salvador (BA), durante o trabalho de campo, em 2022 (Figura 8) e 2023 (Figura 9), ilustram vividamente a intensa tapeçaria de paixão e política que permeia as arquibancadas, evidenciando o fervor dos torcedores do Corinthians e destacando as dinâmicas de poder, territorialidades e resistência cultural intrínsecas às torcidas organizadas.

Observamos nas Figuras 8 e 9 a presença dominante dos Gaviões da Fiel, uma torcida notoriamente hegemônica do clube, que ocupa posições estratégicas no estádio, mesmo longe de seu território habitual. As demais torcidas organizadas corinthianas, naturais do estado de São Paulo, Camisa 12, Pavilhão 9, Estopim da Fiel, Coringão Chopp e Fiel Macabra exibem suas faixas de maneira estrategicamente posicionadas, o que lhes assegura visibilidade e impacto máximos, refletindo organização e influência onde quer que o Corinthians jogue.



Figura 8 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2022.
Fonte: Acervo da autora.



Figura 9 – Distribuição das torcidas organizadas do Corinthians na Arena Fonte Nova, 2023.
Fonte: Acervo da autora.

Não obstante, a organizada local, Fiel Salvador Torcida, notadamente conhecida por suas ações engenhosas que visam subverter a ordem hierárquica, adota o procedimento de pendurar sua faixa próxima à área desocupada no anel superior do estádio, garantindo assim sua representação na cidade de Salvador (BA).

Ao mesmo tempo, é notável a presença de torcidas não-hegemônicas, identificadas nas faixas de "Fiel CE", "Fiel Piauí", e "João Pessoa". Estas torcidas com representação em escala mais regional, reivindicam seu espaço nas arquibancadas, demonstrando, juntamente com a Fiel Salvador, um

esforço persistente de resistência e reivindicação territorial. A participação desses grupos menos numerosos ou com menos recursos é uma manifestação de desafio à ordem estabelecida e uma negociação pela sua existência dentro de uma hierarquia frequentemente inflexível.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação delineada neste artigo amplia o entendimento de territorialidade nas arquibancadas, englobando as dimensões materiais e simbólicas profundamente enraizadas nas dinâmicas de poder. As torcidas hegemônicas exercem influência significativa, tanto na organização espacial quanto através de expressões visíveis de poder dentro dos estádios, dominando os territórios de maior visibilidade e importância estratégica, enquanto torcidas não-hegemônicas enfrentam uma luta contínua por reconhecimento e espaço.

O sistema hierárquico revela uma estrutura interna de poder, demonstrando o processo contínuo de resistência e negociação por parte das torcidas menores, que se reflete em um microcosmo das lutas sociais mais amplas que permeiam o contexto urbano. As interações nos estádios refletem a multifacetada natureza das territorialidades nas arquibancadas, onde o espaço é valorizado tanto como recurso escasso quanto como campo de batalha simbólico. Assim, torcidas organizadas menores, ao se fazerem visíveis em jogos fora de casa, expressam seu apoio ao time e contestam a estrutura dominante.

Essa configuração espacial demonstra uma articulação entre a dominância das grandes torcidas organizadas de São Paulo e a representação ativa como resistência de torcidas locais, que aproveitam esses encontros para reafirmar sua existência, presença, identidade e representações. Em estádios fora de São Paulo, sob o mando de outros clubes, esta interação torna-se ainda mais marcante, com as torcidas corinthianas no papel de visitantes, ocupando espaços, exibindo símbolos e desafiando as convenções, transcendendo as fronteiras geográficas do estado de origem do clube e, assim, transformando as arquibancadas em territórios do torcer.

Ademais, a modernização dos estádios e a transição para arenas modernas representam um desafio significativo para a preservação das culturas tradicionais das torcidas. Este processo, conhecido como arenização, tende a homogeneizar a experiência do espectador e limitar as expressões culturais que são intrínsecas à experiência do futebol brasileiro. As novas políticas de gestão de estádios priorizam a segurança e o conforto, mas frequentemente fazem isso às custas da autenticidade e da participação ativa dos torcedores. Portanto, a adaptação a um modelo de consumo esportivo que valoriza a ordem e a rentabilidade emerge como uma tensão central, sugerindo a necessidade de políticas que equilibrem segurança e autenticidade cultural.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2018. 288p.
- COELHO NETO, A. S. **A trama das redes socioterritoriais no espaço sisaleiro da Bahia**. 2013. 426 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- COELHO NETO, A. S. Territorialidade: uma proposição teórico-conceitual. In: SILVA, A.; AMORIM, I.; CASTRO, S. (Orgs.). **Educação, Territorialidade e Formação Docente: contextualizando pesquisas**. Curitiba: Editora CRV, 2016, p. 15-29.
- COELHO NETO, A. S. **A Geograficidade das Ações Coletivas: Rede, Política de Escalas e Territorialidade**. Rio de Janeiro: Consequência, 2021. 396p.
- COELHO NETO, A. S. Aportes teóricos para pensar o território e a territorialidade. In: COELHO NETO, A. S.; MUNIZ FILHO, A.; FRANCO, G. B. (Orgs.). **Território, Cidade e Meio Ambiente: debates contemporâneos**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2024, p. 17-34.
- DI MÉO, G. **Géographie Sociale et Territoires**. Paris: Nathan, 1998. 317p.
- ESTÁDIO DO PACAEMBU. **Mapa do Estádio do Pacaembu**. Disponível em: <https://www.estadiodopacaembu.com.br/mapa-estadio-do-pacaembu/>. Acesso em: 23 jun. 2024.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2009. 176p.
- GONZÁLEZ, X. O. Território. In: BENEDET, A. G. (Dir.). **Palabras clave para el estudio de las fronteras**. Buenos Aires: EPUB, 2020.
- MASCARENHAS, G. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.
- MASCARENHAS, G. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. **Revista Advir**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 24-38, 2014.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. 270p.
- RONCAYOLO, M. Território. In: **Enciclopedia Einaudi**. V. 8. Região. Porto: Imprensa Nacional Casa Moeda, 1986, p. 262-290.
- SACK, R. D. **Human territoriality: its theory and history**. London: Cambridge University, 1986. 272p.
- SOUZA, M. J. L. O Território: sobre espaço de poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. *et al.* (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- SPORT CLUB CORINTHIANS PAULISTA. **Mapas e rotas**. 2024. Disponível em: <https://www.neoquimicaarena.com.br/sobre/mapas-e-rotas>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2010. 320p.